

#cm
2

TERÇA-FEIRA

O sensível
'Apolo' chega
aos cinemas
nesta quinta

PÁGINAS 4 E 5



'A Descoberta
das Américas'
em única
apresentação

PÁGINA 7



Autor de 'O
Agente Secreto',
alemão Udo Kier
morre aos 81

PÁGINA 8



‘Há uma linhagem do samba que se debruça na janela da poesia’

O cantor e compositor Vidal Assis exibe seu brilho de intérprete em álbum dedicado ao cancionista do (saudoso) e genial Elton Medeiros

Página 2



Por Affonso Nunes

Quando se ouve Vidal Assis há quem se lembre de Emílio Santiago. Pode ser um pouco pela afinação perfeita, pelo timbre aveludado... Mas o fato é que esse cantor e compositor carioca não precisa escorar sua trajetória no saudoso artista. É intérprete de mão cheia como se vê neste lindíssimo “Negro Samba Lírico – Vidal Assis canta Elton Medeiros”, um tributo a um dos mais importantes autores do nosso samba. O trabalho reúne clássicos e inéditas do compositor, que nos deixou em 2019, em parcerias com nomes como Chico Buarque, Paulinho da Viola e João Bosco.

Lançado pela Kuarup, o álbum reúne 14 faixas que fazem resplandecer o lirismo melódico e poético característico da obra de Elton. O repertório navega entre clássicos consagrados como “O Sol Nascerá”, parceria de Elton com Cartola que arremata o álbum fazendo raiar a esperança no horizonte, e “Onde a Dor Não Tem Razão”, composta com Paulinho da Viola, além de apresentar ao público sete canções inéditas que resultaram das colaborações de Elton com Ronaldo Bastos, Nei Lopes, Cristóvão Bastos e o próprio Vidal Assis. Extraordinário melodista, Elton tinha o dom no encadeamento das notas musicais para criar sambas de beleza rara. Seu lirismo melódico encontrava a perfeição ao ganhar versos de parceiros poetas do naipe de Cartola, Paulinho da Viola e Zé Ketti.

A base instrumental do álbum ficou a cargo do Trio Júlio, formação que dá fino acabamento ao disco e reúne os talentosos irmãos Marlon Julio (violão de sete cordas), Maycon Julio (bandolim e cavaquinho) e Magno Julio (percussões). O bandolim de Maycon é de emocionar ouvintes desavisados em “Peito Vazio” e em “Mais Feliz”, faixa que conta com a participação de Ayrton Montarroyos. A única exceção nesta formação instrumental é “Baile dos Amores”, interpretada em duo por Vidal e Cristóvão Bastos ao piano. Trata-se de uma inédita surgida de melodia de Elton e Cristóvão letra por Vidal.

“Considero que o samba é uma das nossas maiores revoluções culturais, por se tratar de um gênero desenvolvido por negros e negras descendentes de africanos e africanas escravizados e que, mesmo sendo historicamente perseguido, resistiu e encanta o mundo até os dias de hoje. E há uma linhagem do samba que se debruça na janela da poesia e esculpe no vento melodias com o cinzel da emoção”, afirma.

Um desses parceiros poetas, mas não melodista, é Hermínio Bello de Carvalho, idealizador junto com Vidal deste trabalho.



Elton medeiros e Vidal Assis num registro afetuoso entre mestre e pupilo

Um novo sambista ‘das antigas’

Segundo disco de Vidal de Assis ilumina a obra de Elton Medeiros e traz participações de Chico Buarque, Paulinho da Viola e João Bosco, entre outros

Aos 40 anos, Vidal se revela um sambista “das antigas” ao se filiar à vertente formada por nomes como Cartola, Elton Medeiros e Paulinho da Viola, compositores que priorizaram melodias sofisticadas e letras repletas de imagens poéticas.

Chico Buarque divide os vocais com Vidal em “Mascarada”, obra-prima da parceria Elton Medeiros e Zé Keti de 1964, coincidentemente já gravada por Emílio Santiago. João Bosco fez diferença como violonista e cantor na gravação de “Pressentimento”, parceria de Elton com Hermínio Bello de Carvalho de 1968. Paulinho da Viola aparece em “Folhas no Ar”, samba menos conhecido de Elton com Hermínio lançado há 60 anos por

Elizeth Cardoso no álbum “Elisete Sobe o Morro”. Ayrton Montarroyos participa da já citada “Mais Feliz”, e a cantora Beatriz Rabello - filha de Paulinho - divide os vocais com Vidal em “Iluminada”.

O arranjo de “Moemá Morenou”, clássico da parceria Elton-Paulinho de 1981, faz o álbum entrar na roda do samba-chula da Bahia, com as palmas de Munique Mattos e o arsenal percussivo de Magno Julio que inclui agogô, congas, pandeiro, prato e reco-reco. A solução criativa incorpora elementos do samba de roda do Recôncavo Baiano, com prato e violão ponteado típico do samba-chula de Santo Amaro da Purificação. Já “Maioria Sem Nenhum”, composição de Elton e Mauro Duarte origi-

nalmente lançada em 1966 no LP “Samba na Madrugada”, faz a cuíca chorar para denunciar a injustiça social em discurso turbinado com a récita, no compasso do rap, do poema “Como eu quero ser lembrado”, do próprio Vidal.

Além de músico, Vidal Assis é mestre e doutor em Educação pela UFRJ, com pesquisas sobre a construção das subjetividades de pessoas negras fundamentadas em autores como Grada Kilomba, Frantz Fanon, Carla Akotirene e Djamil Ribeiro. Para ele, Elton Medeiros ocupa lugar central em sua memória afetiva: “Elton é um compositor que me inspirou em vida, e, hoje, sua obra me inspira todos os dias a ser um artista melhor. Por isso, ao cantar as músicas desse álbum, a bem da verdade, estou cantando o repertório da minha vida.” Este é seu segundo disco, após “Álbum de Retratos” de 2016, que já conta com participação de Elton Medeiros e lhe rendeu duas indicações ao Prêmio da Música Brasileira em 2017.

Se você ainda não conhecia Vidal de Assis, vos apresento um novo sambista “das antigas”.

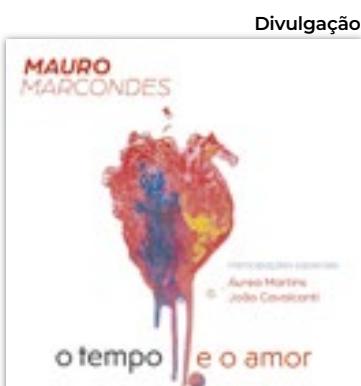
CRÍTICA / DISCO / O TEMPO E O AMOR

Por Aquiles Rique Reis*

Hoje trataremos de "O Tempo e o Amor", quinto álbum do compositor carioca Mauro Marcondes, que se valeu da diversidade da música brasileira para criar quinze canções, bossas, baladas, sambas, choros e boleros. Ajudado pelos arranjos como sempre adequados de Leandro Braga, um time de admirável linhagem instrumental foi escalado para tocá-las e dar o conforto que MM carece e merece ter para revelar sua obra. Eis algumas.

"Paris, Amor" (Mauro Marcondes e Caito Spina): o piano inicia. Dando-se ao amor, a voz bonita de MM vem delicada. O piano o acompanha para assegurar a bela canção que logo ganha ritmo. "Depois" (MM e Gustavo

Baião): a bossa nova carrega a paixão que permeia o álbum. As vozes de Masé Sant'Anna e Soraia Nunes acrescentam delicadeza à voz afinada de MM. "Feliz Em Ter Você" (MM e Patricia Secco): o arranjo embala o romantismo, enquanto o encanto do amor rola sensual mar abaixo. "Bolero da Solidão" (MM e Paulo César Feital): o swingue do bongô antecipa a entrada em cena da grande dama da música brasileira desde sempre e até hoje: Áurea Martins! (Confira ao final desta resenha um clipe da música). "Cantar Sem Fim" (MM e Zéjorge) é outro bolero que MM canta com emoção palpitando na garganta. A marimba predomina no arranjo, que traz os metais e traz novamente as



Divulgação

Mirante da Colina" (MM e Paulo César Feital) começa arritmo. O bandolim chora, chama o ritmo, e o choro pinta bonito.

Convidado a se deliciarem com "O Tempo e o Amor", álbum profundo em composições, arranjos e interpretações, nas quais brilham não apenas o cantor e compositor Marcos Marcondes, mas também seus parceiros e os imprescindíveis instrumentistas. Ouça o álbum completo em <https://accese.one/KC9dA>

Ficha técnica

João Ferraz (gravação, mixagem e masterização); Gabriel Caymmi (projeto gráfico com base nas obras de Patricia Secco); Ari Kaye (foto da capa);

*Vocalista do MPB4 e escritor

Mauro Marcondes (produção geral); Paulo César Feital (co-produção); Naomi Kumamoto (produção executiva); Leandro Braga (direção musical, arranjos e piano); Paulo Aragão (violão de 8); Luiz Flávio Alcofra (violão de 6); João Ferraz (violão de 6 e guitarra); Lucas Porto (violão de 7); Daniel Ganc (viola de 10); Pedro Amorim (bandolim); Léo Pereira (cavaquinho); Rômulo Gomes (baixos acústico e elétrico); Naomi Kumamoto (flauta e flauta em sol); Diogo Gomes (flugelhorn e trompete); Denize Rodrigues (sax tenor); Rui Alvim (clarinete e sax alto); Everson Moraes (trombone); Anderson Cruz (tuba); André Boxexa (marimba); Márcio Amaro (bateria); Netinho Albuquerque e Marcus Thadeu (percussão).

UNIVERSO SINGLE
POR AFFONSO NUNES

Divulgação

Cartão de visitas

Rodrigo Sha lança nesta terça-feira (25) o single "Te Faz Bem". A faixa integra o projeto Sha & Copernema. A música, que anteriormente teve repercussão em pistas de dança europeias e nas rádios de Londres, incluindo a BBC One, ganhou videoclipe gravado no Rio. O single antecede o lançamento do álbum "Essência (Acoustic Live)", previsto para 16 de janeiro de 2026. O projeto representa a carreira internacional do artista, unindo Brasil e Dinamarca sob o selo Music For Dreams. O álbum completo será gravado ao vivo no formato acústico no Rio.

Dueto revisita Tim

Já está nas plataformas digitais uma releitura de "O Descobridor dos Sete Mares", clássico de Gilson de Mendonça e Michel, eternizado por Tim Maia. Gravada por Seu Jorge e pela atriz Bruna Marquezine, a faixa combina bossa nova e samba, bem aos estilos marcantes de Seu Jorge. O lançamento é da SOHO via Virgin Music Group. A faixa integra a trilha oficial da campanha de Natal 2025 da Hering, confecção da qual Bruna é embaixadora nas campanhas de Alto Verão e Natal da marca.



Divulgação



Divulgação Virgin Music

Família pagodeira

Netinho de Paula lança o projeto "Segunda Absoluta" ao lado dos filhos Levi, Dudu e Dika. A primeira parte do trabalho apresenta "Boba", música inédita com sonoridade inspirada nos pagodes dos anos 1990, quando o artista viveu o auge de sua carreira. A faixa marca a estreia do grupo de pai e filhos, que deve lançar o primeiro álbum no próximo ano. O lançamento é do selo Nas Nuvens, via Virgin Music Group. O projeto traz o cantor em nova formação, compartilhando os vocais e a produção com a segunda geração da família no cenário do pagode.

Um álbum de bebê na forma de um filme

Simbiose de talentos da artista musical Isis Broken e da atriz Tainá Müller, o documentário 'Apolo' estreia nesta quinta debatendo maternidade em famílias transcentradas

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Lá pelos 15 minutos iniciais da primeira projeção pública de "Apolo", longa-metragem vencedor do troféu Redentor de Melhor Documentário do Festival do Rio, tinha uma ala de marmanjos chorando no Estação NET Gávea, comovida com relatos de um casal trans sobre a experiência da gestação de uma criança – vetorizada sob a ferocidade do preconceito. O que começou com lagriminhas abriu-se em berreiro, mas demarcou uma exibição antológica, com a consagração da narrativa no olhar do júri. O filme papou ainda a Láurea de Melhor Trilha Sonora Original, coroando a composição do músico Plínio Profeta.

Semana passada, essa joia dirigida pela artista musical Isis Broken e pela atriz Tainá Müller recebeu importantes reconhecimen-



A paixão do casal transgênero formado por Isis Broken e Lourenzo Gabriel gerou uma criança e um filme que não para de ganhar prêmios por onde passa desde sua estreia no circuito dos festivais

tos no 33º Festival MixBrasil de Cultura da Diversidade, com cerimônia de premiação realizada na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. A produção conquistou o Coelho de Prata (Prêmio do Púlico) de Melhor Longa Nacional e a Menção Honrosa do Júri.

A justificativa da comissão julgadora: "Um filme que emociona por transbordar resistência, mas, principalmente, amor, respeito e cuidado. Com uma narrativa que expõe a intimidade de forma corajosa para denunciar violências institucionais, mas é amarrada pelo amor entre o casal e o acolhimento da família de ambos, este trabalho firma sua relevância pela riqueza de imagens e a potência não apenas de levantar o debate acerca das famílias transcentradas, mas de trazer esperanças para o que há por vir. No país que, no presente, mata pessoas trans no mundo, este fil-

me reescreve a história por meio de uma carta para o futuro. Um futuro no qual a existência e o afeto entre famílias LGBTQIAPN+, e principalmente entre pessoas trans, deverá ser não apenas respeitado, mas celebrado. O filme é um registro histórico, uma carta de amor e um poético manifesto do futuro que é escrita como uma carta para esta vida tão aguardada e que tanto merece ser celebrada." Você precisa de mais motivo do que esses para conferir "Apolo" na telona, a partir de sua estreia, marcada para esta quinta?

Numa montagem sinuosa de Tatiana Lohmann, faiscando emoção a cada novo plano, "Apolo" acompanha a jornada de uma família formada por um casal transgênero revelando as nuances do amor. Enquanto acompanhamos a gestação do menino Apolo, refletimos sobre os dramas do casal trans-

gênero que o gerou: a própria Isis Broken e Lourenzo Gabriel. É o pai que está dando à luz e a sociedade brasileira parece ainda não estar preparada para isso.

Isis e Tainá estreiam na direção com "Apolo". Elas conversaram com o Correio da Manhã sobre transfobia, aceitação e amor.

Para a plateia, "Apolo" é uma aula de educação sentimental sobre a luta contra a transfobia. Mas para vocês duas, ligadas pelo filme, mas conectadas ao tema de maneiras distintas, que formas de reeducação ou rememoração o filme propiciou? De que maneira, numa direção a quatro mãos e dois corações, os sentimentos de vocês se combinaram, numa parceria e numa amizade?

Isis Broken - O filme é para todo mun-

Douglas Shineidr/Divulgação



Isis Broken e Tainá Müller venceram a competição de documentários do Festival do Rio com 'Apolo'

do. A Tainá, que se tornou uma grande amiga e hoje faz parte da nossa família, trouxe essa ideia linda de transformar "Apolo" em um álbum de bebê. Nós topamos imediatamente, e funcionou de um jeito muito especial, porque, embora pensado para o nosso filho, o documentário acaba falando com qualquer pessoa. Quando assistimos à primeira sessão no Festival de Cinema do Rio, ouvimos muita gente dizer: "Isso precisa passar nas escolas". E isso nos tocou profundamente, porque Apolo foi criado justamente como um espaço de compreensão, algo que até uma criança pudesse entender. Vivemos no país que mais mata pessoas trans, e já estamos cansadas de repetir essa estatística. A pergunta que fica é: o que a sociedade civil está fazendo para transformar essa realidade? É impossível sair da sala depois de assistir "Apolo" sem sentir

alguma coisa, e esse era o nosso desejo desde o início da montagem. Não queríamos apenas reforçar o que todos já sabem: que essas mortes são resultado de um processo contínuo de desumanização. Optamos pelo movimento contrário. No documentário, mostramos que pessoas trans são seres humanos completos: temos família, amigos, vínculos, podemos criar e cuidar dos nossos filhos, podemos nos reproduzir e construir nossas próprias formas de afeto sendo LGBTQIAPN+. Trazer essa humanidade aos corpos trans é, para nós, a maior urgência. E foi essa parceria a quatro mãos que possibilitou esse resultado.

Tainá Müller - Eu e a Isis temos muitas afinidades de pensamento. Somos duas pessoas com muitas "frentes" de criação abertas, nascidas longe do eixo Rio-São Paulo e cujo

espaço galgado foi conquistado de uma forma bastante desbravadora, sem uma rede privilegiada de contatos, como é comum nesse meio. Claro que pra Isis, com os recortes de raça e transgeneridade, essa batalha fica ainda mais épica, o que só desperta minha admiração pela artista inteligente e articulada que ela é. Eu entrei em contato com a minha própria criança ferida, com meus próprios dramas familiares e com uma certa sensação de inadequação que me acompanhou durante toda infância para conectar profundamente com Isis e Lourenzo. Então foi muito fácil a gente chegar em consenso. Ela entregou ao filme o seu olhar através da câmera de mão que a acompanhou durante todo o processo, registrando tudo o que via enquanto vivia as situações e esse despojamento a serviço da obra é admirável. Depois ela confiou em mim toda a pós(-produção) do filme e pra nossa sorte, temos gosto muito parecido. Ela curtiu a ideia que propus de roteiro e eu fui compondo junto a Tati Lohman, nossa montadora, o caminho, sempre passando pelo crivo e pela colaboração de Isis e de Lourenzo, é claro, para fazer com verdade essa grande colagem "álbum de bebê" que é "Apolo".

O que a palavra maternidade passou a simbolizar para vocês depois desse processo criativo?

Isis Broken - A maternidade pra mim hoje significa amor! Porque ela surgiu de um lugar que não estava esperando, não estava esperando ser mãe. Havia acabado de me relacionar com Lourenzo e acabou acontecendo. Mas pra mim também significa resistência, porque sempre preciso bater na mesma tecla que, sim, sou mãe, que meu filho não é adotado. E viemos de uma regra que a sociedade impõe de que pessoas trans não podem ter filhos, então levantamos um debate importante, porque nós não estamos limitados ao que a sociedade diz que estamos. Então, a maternidade trans vem desse lugar de muita luta. Preciso sempre bater na mesma tecla que, sim, eu sou mãe.

Tainá Müller - Maternidade pra mim é o mais próximo do que chamam de "amor incondicional". A gente deposita todo amor, energia e cuidado em um ser que não nos pertence, mas pertence a si mesmo e às escolhas que fará em seu caminho. Acho que ter um filho é o depoimento mais visceral que podemos dar ao mundo. E toda mãe é a mãe possível pra quem filhos. Eu amo quando Isis fala que o leite que tem a oferecer ao filho é a voz. Isso é muito psicanalítico, essa nutrição e cuidado potente através dessa primeira voz que o sujeito ouve, que é a voz de quem o cuida.

Como foi depurar o material filmado na edição?

Isis Broken - Foi um trabalho difícil, demorado, mas feito a quatro mãos. Eu e a Tainá pensamos no que se encaixaria no documentário, para que qualquer pessoa pudesse entender, inclusive uma criança. Poder contar a história da nossa família para o público é também levar uma conversa necessária e potente sobre o reconhecimento e o respeito às existências trans, especialmente no contexto da parentalidade. Muita gente já se emocionou assistindo ao documentário, e isso nos mostra que estamos no caminho certo, que essa conquista não é apenas nossa. Ela representa todas as pessoas trans que sonham em formar famílias, que resistem todos os dias e que merecem viver com dignidade. Seguimos na luta por respeito. Ser uma pessoa trans no Brasil ainda é enfrentar muitas barreiras, porque tudo se torna mais difícil quando não se é cis. Mas é justamente por isso que contar essas histórias é tão urgente, para que um dia, ser quem somos não precise mais ser um ato de resistência.

Tainá Müller - Eu e Tati Lohman ficamos assistindo durante uma semana o material todo, incluindo o precioso material de Isis. Fui surpreendida por uma potência gigante naquele material intimista que ela capturou. Mas alguma coisa faltava: um fio que conduzisse essa história de forma inteligível mesmo para as pessoas menos "iniciadas" com a temática trans. Eu queria muito fazer um filme onde mesmo as pessoas mais conservadoras, que por ventura se deparassem com esse filme, fossem enlaçadas pelo afeto, pela humanidade de toda aquela vivência do casal. Foi então que, no meio da noite, acordei com essa ideia de fazer um "álbum de bebê", de contar essa história toda para uma única pessoa: Apolo. No dia seguinte liguei empolgada para a Tati e para Isis e Lourenzo que pra minha sorte curtiram a ideia. A partir daí, senti que precisaria abrir uma diária de estúdio, com Apolo já maiorzinho, para costurar essa colcha de retalhos. O álbum de bebê me deu a liberdade de partir para o lúdico, entender que o Melocoton era um personagem do filme e usar imagens "cósmicas" para ilustrar todo o aspecto transcendental que percebi na história. E então, com essa ideia em mente, entrevistei Isis e Lourenzo dessa vez pedindo que contassem a história como se fosse para o filho, pra que a gente pudesse compor essa grande "carta". O interessante é que quando eles contaram a história com Apolo em mente, o tom todo mudava. A narrativa ganhava um tom doce e esperançoso, justamente o que eu estava buscando pro filme.



'Era Uma Vez em Gaza', dos irmãos Arab e Tarzan Nasser, recebeu a Pirâmide de Prata



'As We Breathe', drama sobre infâncias fraturadas na Turquia, ficou com a Pirâmide de Bronze do festival



'The Things You Kill', de Ali Reda Khatami, recebeu o Prêmio da Crítica e também o de melhor roteiro

'Dragonfly'

rende a Pirâmide de Ouro do Festival do Cairo à Inglaterra

A Pirâmide Prata do Cairo foi entregue pelo júri (cuja presidência coube a Nuri Bilge Ceylan, diretor turco) foi confiada aos irmãos Arab e Tarzan Nasser por "Era Uma Vez Em Gaza".



Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Estudo sobre amizade em dinâmicas intergeracionais numa Inglaterra pobre, o drama "Dragonfly", de Paul Andrew Williams, venceu a disputa oficial do 46º edição do Festival



'Dragonfly' rendeu ainda a láurea de Interpretação às atrizes Brenda Blethyn e Andrea Riseborough

do Cairo, no Egito. A produção rendeu ainda a láurea de Interpretação às atrizes Brenda Blethyn e Andrea Riseborough.

Na trama, a octogenária aparentada Elsie (papel de Brena) atraí a atenção de uma vizinha mais jovem, a vibrante Colleen (Andrea). Elas estão separadas não apenas por meio século de diferença etária, mas também pela parede comum de suas casas geminadas em uma pequena cidade inglesa. Um dia, as duas mulheres — acostumadas a viver em solidão plena — começam a notar a existência uma da outra, e uma amizade incomum nasce. Ainda que esse vínculo proporcione conforto mútuo, ele alarma o ambiente ao redor, antes indiferente, inclusive o filho nada confiável de Elsie.

A Pirâmide Prata do Cairo foi entregue pelo júri (cuja presidência coube a Nuri Bilge Ceylan, diretor turco) foi confiada aos irmãos Arab e Tarzan Nasser por "Era Uma Vez Em Gaza". Já a Pirâmide de Bronze foi dada a "As We Breathe", um chocante drama da Turquia sobre infâncias fraturadas. O melhor roteiro ficou com o thriller eletrizante "The Things You Kill", de Ali Reda Khatami, que também recebeu o Prêmio da Crítica.

Terminada a maratona cinéfila do Cairo, o circuito mundial de festivais segue para o Marrocos, na disputa pela Estrela de Ouro de Marrakech, que começa na próxima sexta (28).

Nesta terça-feira (25) o Teatro Gláucio Gill apresenta "A Descoberta das Américas", solo que se tornou lendário na cena teatral brasileira. Escrito por Dario Fo e dirigido por Alessandra Vannucci, o espetáculo integra a programação do "Festival Todos no TGG - 30 Espetáculos em 30 dias" que celebra os 60 anos do teatro, chegando após completar 18 anos de itinerância contínua e ininterrupta por teatros e festivais pelo Brasil e exterior.

O solo narra, com ironia rude e atuação intensa de Julio Adrião uma versão alternativa da história da colonização do Novo Mundo. O texto de Fo, grande figura do teatro político italiano, inspira-se em fatos reais narrados pelo navegador e cronista espanhol Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, revisitando ironicamente episódios do século XVI no território que viria a ser batizado de Flórida — embora pudesse ter se passado nas terras brasileiras.

Adrião, que conquistou o Prêmio Shell 2005 de Melhor Atuação por este trabalho, traz sofisticação e simplicidade à montagem. Em cena sozinho, sem cenário, com figurino e iluminação reduzidos ao mínimo, estabelece comunicação direta com o público. Para dar vida a todos os perso-

Um espetáculo em movimento

Texto do italiano Dario Fo com Julio Adrião integra a programação do festival de 60 anos do Teatro Gláucio Gill

Marina Maux/Divulgação



Julio Adrião venceu Prêmio Shell de Melhor Atuação com este solo

nagens — indígenas, espanhóis, cavalos, galinhas, Jesus e Madalena — cria pacto de cumplicidade com os espectadores, estabe-

lecendo código gestual, mímico e sonoro que os faz saber o que acontecerá antes mesmo do personagem narrador. Cada

detalhe provoca lembrança do seguinte, como numa história contada de improviso pela primeira vez.

"Um espetáculo teatral completar tanto tempo não é algo tão esperado, muito menos planejado, pois não basta uma decisão da produção se, antes disso, o espetáculo não tiver estabelecido uma identificação com o público que, de certo modo, se apropria da obra, como que exigindo essa continuidade", afirma Julio Adrião.

Com o passar do tempo, a montagem sofreu inserções textuais coerentes às suas premissas, onde o ator-pessoa encontra a plateia e a convoca a compartilhar responsabilidade do que está sendo contado. "O espetáculo perpassou esses anos conjurando risadas, escutando críticas, amadurecendo, se rearranjando e traduzindo (em espanhol, inglês, italiano) para novas viagens e novos tempos", comenta Alessandra Vannucci, diretora e cotradutora.

SERVIÇO

A DESCOPERTA DAS AMÉRICAS

Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana)

25/11, às 20h

Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES

Jogando com a sorte

A comédia "Raspadinhos", com Alain Catein e direção de Daniel Dias da Silva, faz sua última apresentação nesta quarta (26) na Sede Cia dos Atores, na Lapa. O monólogo aborda a relação do brasileiro com jogos de azar, do jogo do bicho às apostas online. Catein interpreta mais de 10 personagens numa dramaturgia que mescla humor e crítica social. O espetáculo utiliza referências do cotidiano dos anos 1990 e 2000 para explorar como o jogo se entrelaça com sonhos e esperanças populares.

Divulgação



O homem e a obra

Último dia para conferir Giuseppe Oristanio no Teatro Vannucci no espetáculo "Pormenor de Ausência". A montagem retrata Guimarães Rosa em seus últimos anos, explorando as tensões entre sua saúde fragilizada, as críticas à sua linguagem literária e seu desejo de ingressar na Academia Brasileira de Letras. Baseado em pesquisa acadêmica, o texto apresenta o escritor mineiro dividido entre sua atuação como diplomata e intelectual e a proximidade com a morte. O solo oferece um retrato íntimo do autor de "Grande Sertão: Veredas".



Poder e marginalidade

O clássico "Navalha na Carne", de Plínio Marcos, está fica em cartaz até quinta-feira (27) no Espaço Rogério Cardoso, na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema. A montagem do Coletivo Em Três, com direção de Jefferson Almeida e Márcio Vito, celebra os 90 anos do dramaturgo. O espetáculo traz Ju Sansana, PV Israel e Victor Leal interpretando a tensa relação entre a prostituta Neusa Sueli, o cafetão Vado e o empregado Veludo. Encenada originalmente em 1967, a peça discute mecanismos de poder e marginalidade na sociedade brasileira, mantendo-se atual.

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Cada cinéfilo deste mundo tem um Udo Kier para chamar de seu. É muito Udo para pouco cinema, talvez por que, ao longo dos 275 trabalhos atribuídos ao ator alemão - nascido em 14 de outubro de 1944, em Colônia, e morto no domingo, em Palm Springs, nos EUA, aos 81 anos -, ele tenha sido plurais de si mesmo. Para uns ele é um dos Senhores das Trevas da Marvel, o vilão Dragonetti, vítima de uma tortura excruciante em "Blade, o Caçador de Vampiros" (1998), onde tem os caninos arrancados a boticão, antes de arder à luz do sol. Para outros, seu nome será mais lembrado pelas parcerias com Lars von Trier ("Melancolia") e Gus Van Sant ("Garotos de Programa").

Para o Brasil, sua imagem, por mais diversa que seja, será sempre associada ao caçador Michael de "Bacurau", que saiu de Cannes com o Prêmio do Júri, em 2019. Durante a pandemia, o nordestern de Kleber Mendonça Filho passou na "Tela Quente" da Globo com dublagem, pois parte do elenco era estrangeira e falava outros idiomas. No português de "versão brasileira", que uniformizava os falares, Udo ganhava o vozeirão de Mauro Ramos, na composição do líder de um grupo de gringos armados (a maioria, americanos) a caçar o povo de um Brasil aguerrido, que dava o troco.

O papel sintetizava as invasões bárbaras do capital estrangeiro. Este ano, ele voltou a ceder seu talento para o cinema nacional, uma vez mais sob a direção de Kleber, no fenômeno pop de 2025, "O Agente Secreto", que chega a um milhão de pagantes já, já. Interpreta Hans, cidadão germânico que sofre com o achaque de um delegado e seus asseclas no Recife de 1977. É judeu, mas é tachado de nazista.

Em sua fidelidade autoral ao astro, o diretor pernambucano escreveu em seu Instagram: "Udo Kier, para sempre na memória.



Udo Kier em 'Bacurau' na pele do caçador Michael, símbolo de um capitalismo selvagem e cruel

Udo Kier, queer, plural, magistral

Astro alemão morreu domingo, aos 81 anos, imortalizado nas sessões de 'O Agente Secreto' e eternizado em cerca de 275 trabalhos em clipes, filmes e minisséries pela irreverência

Não existirá nunca jamais outra pessoa e artista como Udo Kier. Que senso de humor, que bom gosto, que alegria de viver".

Nas oito décadas em que foi raio, estrela e luar neste planeta, Udo Kier filmou de um tudo a



Udo Kier em 'Meu vizinho Adolf' (2022)

partir de "La Stagione Dei Sensi" (1969). Na Alemanha, seu lar, trabalhou com o divo do melodrama, Rainer Werner Fassbinder (1945-1982) em "A Terceira Geração" (1979), em "Lola" (1981) e "Lili Marlene" (1981), além da mi-

nissérie "Berlin Alexanderplatz" (1980). Na Meca de Hollywood, na década de 1990, passou pela metralhadora humorística de Jim Carrey em "Ace Ventura" (1994) e deu o ar de sua graça à sci-fi "Barb Wire" (1996), com Pamela An-

Divulgação

derson. Fez sucessos, mas nunca deixou de ser indie.

Foi o artista plástico e pensador da pop art Andy Warhol (1928-1987) que ajudou a consagraria Udo. Andy produziu as pepitas da contracultura "Sangue para Drácula", de 1974, e "Carne para Frankenstein", de 1973. Os dois longas, dirigidos sob a grife de Paul Morrissey (1938-2024), escandalizaram o mundo à época, pela alta voltagem sexual, além da violência gráfica, tornando-se objetos de fetiche queer – palavra que encontrou em Udo um sinal... de charme.

"Filmar me dá um baita tesão", confessava.

Em Cannes, num papo com o Correio da Manhã, Udo afirmou que em sua juventude, a imagem que muitos europeus tinham da sociedade brasileira era estereotipada. "Quando se falava em Brasil na Europa, tudo em que a gente pensava eram rapazes e moças seminus, pulando o carnaval em plena alegria. Mas um país como o de vocês não pode ser só isso. E não é. Um dia, Kleber me conheceu num festival nos EUA, em Palm Springs, e mostrou o roteiro de 'Bacurau'. Aceitei fazer, encarei um avião e, depois do voo, fui levado de carro, por horas, sertão adentro, onde conheci uma realidade viva, cheia de humanidade. Era gente a jogar cartas nas ruas, vendinhas por todo lado, cães a correr atrás de ossos. Foram três semanas de trabalho. Três semanas no Paraíso", afirmou Udo. "Já debochei de Hitler na telona, já fui o Drácula mais magro da História e estive com Fassbinder em grandes filmes. Eu só nunca tive a coragem de procurar um diretor que admirasse muito, mesmo com todo o currículo que tenho para pedir um papel. Imagine se eu chegassem para o David Lynch e dissesse a ele: 'adoraria filmar com você'. Ele poderia olhar na minha cara e responder: 'Todo mundo gostaria, amigo'. Sempre amei Almodóvar, mas se eu pedisse trabalho a ele e ouvisse um 'não!', ia me encolher até sumir. De toda forma, filmei muito. Fiz até coisa boa".